

Por uma Solução Democrática e Humanitária para a Palestina ¹

Catarina Marcelino ²

Antes de mais queria agradecer o convite para aqui estar. Queria agradecer ao MPPM, à CGTP e ao CPPC a oportunidade de aqui estar hoje.

Queria também cumprimentar todos e todas, o Senhor Embaixador – não o vejo aqui mas transmitirão o meu cumprimento – e uma saudação especial – e permitam-me que o faça – aos amigos e amigas da Palestina que estão hoje connosco no Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino que se comemora a 29 de Novembro.

Eu gostava de partilhar convosco uma pequena reflexão. Não vos vou falar do Grupo de Amizade da Assembleia da República porque tenho aqui o presidente e não me cabe a mim fazê-lo, mas antes de partilhar a minha reflexão queria só pedir-vos desculpa porque vou ter de sair logo após a minha intervenção, porque hoje está a decorrer o Congresso do Partido Socialista no Parque da Nações, mas eu não podia deixar de vir.

Partilhando convosco a minha reflexão:

Eu julgo que há uma ideia que nos une a todos: que a Palestina tem direito a um estado soberano, que o povo palestino tem direito à liberdade, que tem direito à autodeterminação, que tem direito a viver em paz. Isto são princípios que nos unem a todos na reflexão sobre esta matéria.

Queria aqui lembrar Portugal, não na ditadura, mas no caso de Timor-Leste, em que nós nos unimos todos com o povo de Timor na luta pela autodeterminação de um povo. E eu julgo que é disso que hoje aqui estamos a falar: de um povo que está ocupado e da autodeterminação desse povo.

E isto leva-me a outro facto histórico, a um facto histórico em que podemos ter posições diferentes sobre ele, mas em que não podemos deixar de concordar que marcou a história do mundo: a queda do Muro de Berlim. Hoje estamos a 29 e foi a 9 que se comemorou a queda do Muro de Berlim, 25 anos depois. O Muro que simbolicamente separava o mundo em dois. O Muro que caiu – e abstenho-me de fazer considerações sobre isso – mas o facto é que o Muro caiu e o mundo transformou-se e houve uma nova organização mundial.

E na minha reflexão, o Muro da Separação, na Cisjordânia, também é um Muro que tem grandes implicações na ordem mundial. Para além de ter implicações na vida de todos os que vivem na Cisjordânia, para além de impedir o acesso à circulação, o acesso à liberdade, o acesso à água, o acesso à terra, também é ele um factor de perturbação na organização do mundo, também ele é um factor de perturbação naquilo que foi o desenvolvimento de terrorismo, no desenvolvimento de situações que hoje vemos, não só no Médio Oriente mas também no mundo, de acções extremistas, de terrorismos que penso quem nenhum de nós, que somos

¹ Intervenção no Seminário Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, realizado em 29 de Novembro de 2014, no Fórum Municipal Romeu Correia, em Almada, organizado pelo MPPM, pelo CPPC e pela CGTP-IN, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e do Inovinter

² Catarina Marcelino é deputada do Partido Socialista à Assembleia da República e Vice-Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Portugal - Palestina

todos democratas, pode aceitar. Porque em democracia não se aceitam nem extremismos nem situações de terrorismo.

Isto leva-me a estar ao lado do povo da Palestina no que respeita às suas necessidades, à defesa da sua terra, à defesa da subsistência, à defesa os direitos mais básicos. Mas também me leva a ter uma preocupação face ao mundo porque que se a paz vier para a Palestina, essa paz também será útil para o fim deste momento difícil que vivemos na história do planeta Terra.

E leva-me também à questão não só das dificuldades do povo palestino no acesso à água, no acesso à terra, como aos colonatos, que não são aceitáveis e que impedem a liberdade de movimentos, a liberdade de acesso às necessidades mínima deste povo, colonatos que são usados estrategicamente para impedir esta liberdade e este acesso àquilo que é seu ao povo palestino, mas também me leva a outra realidade ao lado da Cisjordânia, que é Gaza.

Queria dizer-vos que há uns anos, em Espanha, ouvi uma frase relativamente aos bascos que estavam nas cadeias fora do País Basco – não é que eu seja amiga do terrorismo, também no País Basco, é assim que eu considero – mas a frase é oportuna aqui. A frase era a seguinte: “Por terra e por mar, para casa e para sempre”. E eu julgo que esta frase se aplica aquilo que queremos para os palestinos. Queremos que aqueles que estão fora do território voltem de uma vez por todas para casa, tenham direito a viver na sua terra, mas também o direito dos que vivem em Gaza de ter a sua terra, de ter condições de vida, e de não viverem em guerra, de viverem em paz.

São estes os princípios que regem a minha reflexão, porque nada das minhas palavras é contra o povo israelita, é sim a favor daquilo que eu acho que é digno, necessário e humano para o povo palestino.

Porque outro facto que me choca é a política de habitação em Jerusalém Ocidental, em que não é permitido aos palestinos terem a sua casa, em que as pessoas não podem lá viver porque não têm acesso às casas e quando saem das casas não podem ter outra casa, não podem construir uma casa. É inaceitável. Não se pode aceitar este tipo de atitude.

Tudo isto, e com a guerra que existe em Gaza, é uma estratégia para dominar um povo que tem direito à autodeterminação.

Queria só focar aqui uma referência feita pela nossa amiga Leila Khaled que esteve ontem connosco na Assembleia da República que nos disse que, dos palestinos que vivem em Gaza, neste momento, há 800.000 pessoas, de um milhão e oitocentas mil que lá vivem, que não têm casa. Isto, obviamente, não pode ser tolerado.

E queria terminar falando-vos da comunidade internacional dizendo que são factos extremamente relevantes que a Palestina tenha integrado a UNESCO e que o Estado da Palestina seja considerado um estado observador das Nações Unidas. Estes são dois factos que me parecem muito importantes. Mas não podemos ficar por aqui. Nós queremos que a Palestina seja um estado de pleno direito das Nações Unidas. Nós queremos que a Palestina seja reconhecida em todo o mundo como um estado soberano. E nós queremos que os nossos amigos da Assembleia Legislativa da Palestina, com quem temos o Grupo de Amizade na

Assembleia da República, sejam deputados e deputadas como nós, com um papel importante na decisão do futuro do seu país.

É por isto que eu julgo que hoje estamos todos aqui.

Quero dizer-vos que, relativamente ao papel da comunidade internacional, é fundamental que os estados reconheçam unilateralmente o Estado da Palestina. Nós estamos na União Europeia, eu concordo que nós temos que fazer o nosso esforço na União Europeia para que esta reconheça o Estado da Palestina. Acho que se estão a dar passos importantes. A comissária italiana para os Negócios Estrangeiros [da União Europeia] disse, há pouco tempo, que gostava de ver, até ao final do seu mandato, um estado palestino soberano. E estas palavras são extremamente importantes porque mostram que o mundo está a mudar, que o mundo está a mudar a favor da Palestina.

Mas nós também queremos ver – e eu acho que aqui eu e o Bruno estamos em sintonia – queremos ver o estado português, o governo português, a reconhecer o estado palestiniano como um estado soberano. E estamos na Assembleia da República a trabalhar para ver se esta possibilidade se torna, em breve, uma realidade. Não queria deixar de vos dizer isto aqui.

A nossa amiga Leila, ontem, disse: “O que nós queremos é uma pátria para viver como todos os povos”. E eu julgo que todos compreendemos isto, que os palestinianos queiram uma pátria para viver como todos os povos, porque é um princípio democrático, um princípio de cidadania, um princípio que não pode ser violado. E eu julgo que é isto que nos trás todos aqui.

Terminava dizendo o seguinte: o que eu defendo, o que julgo que todos defendemos, o que o Partido Socialista na sua grande e larga maioria defende, é uma solução democrática e humanitária, uma solução justa em que dois estados possam viver naquele território com as fronteiras definidas e em paz, porque a Palestina merece, ao fim de 66 anos, a paz.

Muito obrigado por me terem ouvido.

Shukran.